

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE DE JARDIM
CURSO DE LETRAS**

LAIZA JANAÍNA DE OLIVEIRA

**ASPECTOS DA IDENTIDADE CULTURAL DE MATO GROSSO DO SUL: UM
ESTUDO A PARTIR DE ALGUMAS COMPOSIÇÕES MUSICAIS**

JARDIM – MS

2013

LAIZA JANAÍNA DE OLIVEIRA

**ASPECTOS DA IDENTIDADE CULTURAL DE MATO GROSSO DO SUL: UM
ESTUDO A PARTIR DE ALGUMAS COMPOSIÇÕES MUSICAIS**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras,
habilitação Português/Inglês, da Universidade Estadual
de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para
obtenção do grau de licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Susylene Dias de Araujo

JARDIM - MS

2013

OLIVEIRA, Laiza Janaína de.

Aspectos da Identidade Cultural de Mato Grosso do Sul:
um estudo a partir de algumas composições musicais/
Laiza Janaína de Oliveira. Jardim: UEMS, 2013.

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras
Habilitação Português-Inglês – Universidade Estadual de
Mato Grosso do Sul.

1. Identidade Cultural
2. Mato Grosso do Sul
3. Composições Musicais

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) somente para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Laiza Janaína de Oliveira

Jardim / MS, 31 de outubro de 2016.

LAIZA JANAÍNA DE OLIVEIRA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**ASPECTOS DA IDENTIDADE CULTURAL DE MATO GROSSO DO SUL: UM
ESTUDO A PARTIR DE ALGUMAS COMPOSIÇÕES MUSICAIS**

APROVADO EM: ____/____/____

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Susylene Dias de Araújo
UEMS/JD

Prof. Msc. Rosicley Andrade Coimbra
UEMS/JD

Prof. Dr. Luis Otávio Batista
UEMS/DDOS

Dedico este trabalho de conclusão da graduação a
uma pessoa muito especial: minha vizinha. *D.*
Braulina, com todo amor.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus pelo seu imensurável amor, foi ele meu maior ajudador e orientador, me conduzindo e me dando forças para chegar até aqui, por me mostrar que podemos ir muito além do que imaginamos quando se pensa que não se pode mais.

Aos meus pais Marcos e Tereza, que sempre me apoiaram e me ajudaram, não só nesse, mas em todos os momentos da minha vida.

À minha filha Vitória Eduarda, que é o motivo pelo qual busco a realização dos meus objetivos, agradeço pelo amor, apoio e compreensão ao entender a importância dessa conquista e aceitar a minha ausência quando necessário e a minha irmã Ludmila Jaqueline, minha inspiração.

À dona Ivete Lavratti, pelo apoio com palavras de “siga em frente”.

A todos meus colegas de sala, que com certeza plantaram um pedaço de si em meu coração. Especialmente às queridas amigas que nunca mediram esforços em estender as mãos em meu favor: Paula Vilela, Silvia Helena e Marlene Mateus, com vocês aprendi que nenhum caminho é longo demais quando se tem amigos!

À minha orientadora prof^a. Dr^a. Susylene Dias de Araújo, pelo empenho, paciência e credibilidade.

“Eu pedi força e Deus me deu dificuldades para me fazer forte. Eu pedi sabedoria e Deus me deu problemas para resolver. Eu pedi prosperidade e Deus me deu cérebro e músculos para trabalhar. Eu pedi coragem e Deus me deu perigo para superar. Eu pedi amor e Deus me deu pessoas com problemas para ajudar. Eu pedi favores e Deus me deu oportunidades. Eu não recebi nada do que pedi, mas eu recebi tudo de que precisava.” (autor desconhecido).

RESUMO

OLIVEIRA, Laiza Janaina de. **Aspectos da Identidade Cultural de Mato Grosso do Sul: um estudo a partir de algumas composições musicais**. 2013. 54p. TCC (Graduação) - Curso de Letras hab. Port. Ingl. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Jardim, 2013.

O presente trabalho busca rever o histórico da música popular brasileira e a partir deste histórico reconhecer a formação da música em Mato Grosso do Sul, influenciada pelas origens do antigo Mato Grosso. Na parte teórica, um estudo sobre o conceito de identidade será proposto a partir das considerações dos Estudos Culturais para que possamos compreender como acontece a formação identitária de um povo. Na sequência, uma seleção de compositores é apresentada por algumas linhas biográficas e então algumas letras de canções regionais são analisadas.

Palavras-chave: Identidade Cultural; Mato Grosso do Sul; Composições Musicais.

ABSTRACT

Oliveira, Laiza Janaina. **Aspects of Identity Cultural of the Mato Grosso do Sul: a study throughout of some songs compositions.** 2013 51 p. TCC (Graduation) – Languages hab. Port. Engl. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Jardim, 2013.

The present study search a historical of Brazilian popular music and throughout of this historical to recognize the formation of music in Mato Grosso do Sul, influence the origins of the Mato Grosso. In the theoretical part, a study about the concept of the identity will be proposed throughout of the considerations of Studies Cultural to we can to understand as identity formation of a people. In the sequence, a selection of the composers is present by some biographical lines and throughout of this choice, some letters of the regionals songs are analyzed.

Keywords: Cultural Identity; Mato Grosso do Sul; Songs Compositions

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.
CAPÍTULO I.....	Erro! Indicador não definido.
ESTUDOS CULTURAIS E IDENTIDADE: ALGUMAS REFERÊNCIAS.....	Erro! Indicador não definido.
1.1 O surgimento dos Estudos Culturais	Erro! Indicador não definido.
1.2 O surgimento dos Estudos Culturais no Brasil	23
1.3 Identidade Cultural de Mato Grosso do Sul	25
CAPÍTULO II.....	28
2.1 A História da Música no Brasil.....	28
2.2 A Música em Mato Grosso do Sul.....	30
2.3 Século XXI: Uma nova Identidade Musical.....	35
2.4.1 Guilherme Rondon.....	36
2.4.2 Geraldo Roca	38
CAPÍTULO III	40
3.1 Análises das Composições.....	40
3.1.2 Trem do Pantanal	41
3.1.3 Japonês tem três filhas.....	43
3.1.4 Polka outra vez.....	45
3.1.5 Paiaguás	46
3.1.6 Horizonte	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	49
ANEXOS.....	52

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Guilherme Rondon no Show Gerações.....	27
FIGURA 2: Geraldo Roca no Show Gerações.....	30

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o termo identidade cultural adquiriu um peso significativo no mundo ocidental. É possível dizer que a identidade cultural não é algo que podemos definir como sólido e inalterável. Em uma sociedade composta de várias etnias, como em Mato Grosso do Sul, que além de receber imigrantes de vários lugares do Brasil, conta com a ida e vinda de paraguaios e bolivianos que já se somam a população sul-mato-grossense e se misturam nessas terras pantaneiras, fica praticamente impossível considerar a cultura como peça unificada.

Partimos do ponto de que a música é a arte que melhor traduz a identidade de um povo. Em uma composição, o homem revela seus sentimentos, seus desejos, comportamentos e até sua história, ou seja, o mais íntimo de uma pessoa que compõe está representado na letra de suas canções, então podemos navegar em suas origens, suas raízes.

O objetivo deste trabalho é exatamente reconhecer e analisar aspectos que marcam a identidade de um povo em letras de canções que evidenciem tais características. Inicialmente, fez-se necessária a compreensão de quando, onde e como surgiu o interesse pelo estudo da cultura. Por ora, basta-nos compreender como se deu esse processo de construção identitária de Mato Grosso do Sul, especialmente a partir da música local.

Sendo assim, essa pesquisa encontra-se organizada em três capítulos e está baseada nos seguintes autores: Hall (2002), Burke (2005), Cevasco (2003), Cevasco (2005), Gresler & Vasconcelos (2008), Guizzo (1982), Higa (2010), Mattelart & Neveu (2004), Montanari (1993), Rosa & Duncan (2009), Teixeira (2009), Barros (2001), Silva (2003).

No primeiro capítulo, faremos um breve histórico de como os Estudos Culturais surgiram, e quem foram os responsáveis pelo desabrochar desses estudos no Brasil.

No segundo capítulo, após uma introdução de como surgiu a música no Brasil, iremos mostrar quais foram os primeiros sinais da música que viriam a se tornar a essência de um povo a partir do nascimento do estado e quem foram os precursores desse momento.

No terceiro e último capítulo, apresentaremos dois importantes nomes na história da música sul-mato-grossense: Guilherme Rondon e Geraldo Rosa, e faremos uma análise de algumas composições desses artistas que acabaram desempenhando um papel fundamental na identificação do povo sul-mato-grossense.

CAPÍTULO I

ESTUDOS CULTURAIS E IDENTIDADE: ALGUMAS REFERÊNCIAS

1.1 O surgimento dos Estudos Culturais

Segundo Cevasco (2005, p. 267), os estudos culturais que começaram a se construir na Grã-Bretanha nos anos 1950, configuram uma corrente crítica que veio para mudar não só o que se estuda na prática, mas também de forma crucial, como e para que se estuda [...]. A partir do século XX, depois da Europa ter passado pela Segunda Guerra Mundial, não foi mais possível admitir a cultura como algo estático e igualitário para todos. Como ressalta Cevasco (2005, p. 267) “nesse momento, a Cultura, com letra maiúscula, é substituída por culturas no plural”.

Surgia na Inglaterra um grupo de intelectuais marxistas que tentaram explicar esse novo conceito de cultura que se transformava na Europa e no período pós guerra, seus esforços deram origem à uma nova disciplina denominada “Estudos Culturais”. MATTELART & NEVEU (2004) ressaltam que quatro importantes nomes que surgiram no final dos anos 50, são identificados como as fontes dos Estudos Culturais e podem simbolizar esse momento, e comentam:

A etapa de cristalização constituída pelo reconhecimento institucional dos estudos culturais nos anos 1960 seria ininteligível se não se levasse em consideração um trabalho de amadurecimento que se inicia quase dez anos antes e que pode ser simbolizado pela figura de três pais fundadores, que a exemplo dos mosqueteiros de Dumas, são em realidade quatro. (MATTELART e NEVEU, 2004, p. 40)

Richard Hoggart com *The Uses of Literacy* (1957), Raymond Williams com *Culture and Society* (1958), Edward Palmer Thompson com *The Making of the English Working-class*

(1963), são os nomes que vão moldar os Estudos Culturais. O trio dos pais fundadores se completará com um quarto homem: Stuart Hall. Mesmo sendo apenas oito anos mais novo que Thompson, ele pertence a uma outra geração, que não participou diretamente da Segunda Guerra Mundial [...]. (MATTELART & NEVEU 2004, p. 48)

Assim, o britânico Richard Hoggart com *The Uses of Literacy* (1957), é considerado fundador do CCCS - Centro Contemporâneo de Estudos Culturais (*Centre for Contemporary Cultural Studies*), centro de pesquisas da Universidade de Birmingham e sua importância pode ser assim lembrada:

Hoggart amplia o conceito de Leavis de Cultura: seguindo a visão veiculada pela antropologia de que cultura, além das grandes realizações artísticas, constitui-se em “todo um modo de vida”, ele estuda as tradições culturais de um segmento da classe trabalhadora urbana do Norte da Inglaterra. (CEVASCO, 2005, p. 269).

Outra obra diretamente ligada ao surgimento dessa nova disciplina é do historiador britânico Edward Palmer Thompson. De acordo com Cevasco (2005, p. 269):

[...] Thompson trabalha na intersecção entre literatura e história. Seu *The Making of the English Working-class* (1963) narra a formação da consciência da classe trabalhadora através de inúmeros movimentos sociais que dão o contorno da história social inglesa do ponto de vista sistematicamente negligenciado pela história oficial: o dos derrotados, os que estão sempre deixados de lado. [...]

O terceiro livro é do crítico cultural Raymond Williams: *Culture and Society*, que foi publicada cinco anos antes da, já citada, obra de Thompson. “Explorando o inconsciente cultural veiculado pelos termos “cultura”, “massas”, “multidões” e “arte”. Williams fez repousar a história das ideias sobre uma história do trabalho social de produção ideológica.”(MATTELART e NEVEU 2004, p. 46)

Percebe-se que os três estudiosos britânicos não possuíam a mesma opinião, porém, compartilhavam algumas ideias, o que auxiliou no desenvolvimento da nova disciplina. Cevasco lembra que:

Hall, ao ressaltar as questões da cultura, da consciência e da experiência, e ao enfatizar a importância da ação de grupos e classes na mudança social, diz que essas obras configuram uma quebra com a tradição dos modos de estudar os fenômenos sociais. (HALL 2003, apud CEVASCO, 2003, p. 60)

Segundo Hall (2006 apud CEVASCO 2003), estes três livros constituem a base dos Estudos Culturais e conhecer um pouco da origem desta possibilidade de interpretação dos fatos culturais, torna de grande importância neste trabalho. No próximo tópico, veremos como os Estudos Culturais passam a ser referência no Brasil, abrindo portas para novas perspectivas da arte local, conforme procedemos em nossa pesquisa.

1.2 O surgimento dos Estudos Culturais no Brasil

A identidade brasileira foi marcada pelas diferenças desde a colonização. Quando os europeus aqui chegaram, impuseram severamente sua cultura aos nativos que viviam da sua maneira, tinham seus costumes e suas crenças. O mesmo aconteceu com os africanos que para cá vieram e também tiveram que se adequar a cultura europeia. A partir daí entendemos que o Brasil é um país onde cada uma dessas etnias foi deixando seus traços, suas marcas, ideias, crenças, o que deu origem a essa rica diversidade cultural que temos hoje em nosso país.

Vimos que a formação dos estudos culturais dependeu da existência de uma tradição de aferição da qualidade de vida social por meio das críticas da cultura (...). De modo similar, a crítica da sociedade pela cultura, marca da formação brasileira e da britânica, foi possível no caso da primeira pela existência de uma tradição brasileira de cultura e sociedade (CEVASCO, 2003, p.178).

Williams Raymond, citado por Cevasco, vê a cultura como algo comum a todos, sua visão difere da visão tradicional, segundo ele, “a cultura é de todos, em todas as sociedades e em todos os modos de pensar” (Williams Raymond apud CEVASCO, 2003, p.53).

E mais, “Como muitos outros países, o Brasil teve formas de estudos culturais bem antes de a disciplina se transformar em mais uma grife acadêmica a ser exportada pelo mundo anglo-saxão.” (CEVASCO, 2003, p. 173)

Porém, ainda de acordo com Cevasco, a data oficial de seu reconhecimento institucional no país pode ser 1998, ano em que a ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Aplicada) escolheu para seu congresso bianual o tema “Literatura Comparada = Estudos Culturais?” (CEVASCO, 2003, p. 173). Sobre o evento, a autora ressalta que, “a posição política dos Estudos Culturais, sob a ótica representada no discurso de abertura do congresso é focada na chave do possível e do impossível – uma política de tempos que não acreditam em metas transcendentais.” (CEVASCO, 2003, p. 174)

Ainda segundo Cevasco, é necessário pensar o país como um espaço que é resultado de diferentes processos históricos que, porém, não é nocivo para sua identidade nacional (CEVASCO, 2003, p. 174). O termo cultura também se refere à arte, e cada geração foi criando novas definições e sentidos para essa palavra:

O termo cultura costumava se referir às artes e às ciências. Depois, foi empregado para descrever seus equivalentes populares – música folclórica, medicina popular e assim por diante. Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar). (BURKE, 2005, p.43)

Em um processo muito parecido com o processo de iniciação dos Estudos Culturais ingleses, no Brasil, na década de 1990, registra-se a busca pela compreensão da realidade de nossa sociedade e por conta disso, grupos de estudantes da USP se organizam preocupados com essa situação.

Porém, Cevasco lembra que a maneira materialista de estudar cultura e literatura já existia entre nós muito antes do sua real aparição.

Um exemplo claro é o da obra do crítico paulista Antonio Candido cujo Os parceiros do Rio Bonito, escrito em 1954, teve, nas palavras do autor “como origem o desejo de analisar as relações entre a literatura e a sociedade e nasceu de uma pesquisa sobre a poesia popular, como se manifesta no Cururu, dança cantada do caipira paulista...”(CANDIDO 2001, apud CEVASCO, 2005, p.271). Vê-se de saída que tanto o enfoque metodológico – pensar literatura e sociedade juntas – quanto o assunto – forma de

expressão dos de baixo – estão em conjunção com os estudos culturais. (CEVASCO, 2005, p.271)

Candido relaciona literatura com sociedade, quebrando assim esse paradigma de que literatura eram somente os nomes publicados e reconhecidos. Percebemos também que o foco de sua pesquisa foi voltado à cultura popular. Veremos a seguir, como essa questão cultural se manifesta em nossa região.

1.3 Identidade Cultural de Mato Grosso do Sul

No ano de 1977, o General Presidente Ernesto Geisel assinou a Lei Complementar nº 31, que determinou a divisão do estado. “Nascia” assim, o novo estado de Mato Grosso do Sul: “Nasce nova unidade da Federação, que tem por capital a bela cidade de Campo Grande. A data histórica de 11 outubro de 1977 ficará gravada na memória do povo de Mato Grosso do Sul [...]” (REIS 1977 apud GRESSLER 2008, p. 97)

Conseqüentemente, surgia então um novo processo de identificação. Com a divisão do estado, foi necessária, através de experiências vividas, a busca de valores e da própria identidade do sujeito que passaria a viver neste espaço do território brasileiro.

“Um povo que não preserva a sua história é como uma árvore sem raízes: qualquer vento a tomba. É através das raízes que a árvore obtém seu alimento” (GRESSLER et al, 2008, p. 08). Para expor a história de nosso estado, atual Mato Grosso do Sul, se faz necessário o conhecimento do passado. Uma busca de identidade, memórias, cultura, ideais; fatos que naturalmente sofreram mudanças ao longo do tempo, mas que preservam sua essência, suas origens.

Mato Grosso do Sul, também chamado de Estado do Pantanal, é um recanto de belezas naturais, o horizonte por aqui parece não ter fim. Quando se fala em Mato Grosso do Sul, logo nos vem à mente, a imagem de paisagens exuberantes, de uma terra cheia de encantos e mistérios e é assim que o poeta Manoel de Barros faz uma homenagem, em seu poema *Água*, à natureza e ao homem pantaneiro:

Desde o começo dos tempos águas e chão se amam.
Eles se entram amorosamente
E se fecundam.
Nascem formas rudimentares de seres e de plantas
Filhos dessa fecundação.
Nascem peixes para habitar os rios
E nascem pássaros para habitar as árvores.
Águas ainda ajudam na formação das conchas e dos
caranguejos.
As águas são a epifania da Natureza.
Agora penso nas águas do Pantanal
Nos nossos rios infantis
Que ainda procuram declives para correr.
Porque as águas deste lugar ainda são espriadas
para o alvoroço dos pássaros.
Prezo os espriados destas águas com as suas
beijadas garças.
Nossos rios precisam de idade ainda para formar
os seus barrancos
Para pousar em seus leitões.
Penso com humildade que fui convidado para o
banquete destas águas.
Porque sou de bugre.
Porque sou de brejo.
Acho que as águas iniciam os pássaros
Acho que as águas iniciam as árvores e os peixes
E acho que as águas iniciam os homens.
Nos iniciam.
E nos alimentam e nos dessedentam.
Louvo esta fonte de todos os seres, de todas as
plantas, de todas as pedras.
Louvo as natências do homem do Pantanal
Todos somos devedores destas águas.
Somos todos começos de brejos e de rãs.
E a fala dos nossos vaqueiros carrega murmúrios
destas águas.
Parece que a fala de nossos vaqueiros tem consoantes
líquidas
E carrega de umidez as suas palavras.
Penso que os homens deste lugar
são a continuação destas águas.”
(BARROS, 2001, p.06-44)

O poeta associa a natureza ao homem pantaneiro engrandecendo suas belezas naturais e ressaltando a importância da água para a vida, pois, é dela que tudo provém. Qualquer coisa, qualquer “ser” depende da água para viver. O próprio homem pantaneiro só existe porque existe o Pantanal que, por muito tempo deu subsistência para que formassem suas famílias. A maior identidade que um homem pode ter é sua terra, suas raízes e sua história. O Mato Grosso do Sul cresceu a beira das águas pantaneiras e assim foi construído nosso estado e

nossa história, as águas que margeiam o nosso estado e alagam o Pantanal, são as mesmas águas que alimentam e dão vida ao povo sul-mato-grossense e a todos os seres vivos que aqui habitam. Na composição da canção Pantanal em 1990, Marcus Viana enaltece o homem pantaneiro como personagem principal desse fantástico cenário de surpresas:

[...] Gente que entende
Que fala a língua das plantas, dos bichos
Gente que sabe
O caminho das águas, das terras, do céu
Velho mistério guardado no seio das matas sem fim
Tesouro perdido de nós
Distante do bem e do mal
Filhos do Pantanal [...] (VIANA, 1990)

E é em meio a tantas riquezas que prospera o típico homem pantaneiro. São pessoas que fazem seus trabalhos com amor e dedicação, que vivem harmoniosamente em meio aos mistérios da natureza. O que para muitos é mítico, para eles é a natureza... Isso é o Pantanal sul-mato-grossense: um lugar de povo hospitaleiro, que carrega consigo a heranças diversas até mesmo e antigas culturas indígenas.

É sabido que o mundo está em constante modificação, rápida e ininterrupta. Já não é como antigamente que era compreensível se entender por identidade, algo estático, permanente. Com a evolução das sociedades, com novas e inúmeras experiências de convivências, esse conceito tornou-se complexo. Temos em nossa região, uma mistura de culturas, as culturas indígenas, as antigas e as migrantes, e também de povos vindos de vários lugares como: Bolívia, Itália, Japão, Portugal, Paraguai entre outros, e desta forma foi se criando o que entendemos por miscigenação de raças.

É nesse cenário de diversidade que podemos identificar manifestações híbridas das várias culturas aqui existentes. A cultura que deixa traços marcantes em nosso estado é a cultura paraguaia, que se uniu com a simplicidade do homem pantaneiro. Como observa Silva (2003, p.80), “(...) os paraguaios vivem em nossa pátria como em sua própria terra. Talvez até se compenetrem de que sua casa é todo o continente sul-americano”.

Se olharmos ao nosso redor, perceberemos o quanto temos herdado e absorvido os costumes paraguaios para nossa cultura. Já estão presentes em nosso cotidiano em músicas e danças, assim como na culinária; a sopa paraguaia e a chipa, que são alimentos oriundos do Paraguai, bem como o tereré que é uma bebida servida gelada com erva. Isso sem mencionar a linguagem. É comum em nosso meio fazer uso de palavras de origem espanhola ou até

mesmo do guarani. Isso se deve ao fato do fácil acesso dos imigrantes do país vizinho que adentraram as terras sul-mato-grossenses e aqui fizeram morada. Assim, é que vamos nos familiarizando com seus costumes que conseqüentemente passam a ser nossos também. “Em suma, as fronteiras são, frequentemente, palcos de encontros culturais” (BURKE 2005 p. 154).

Outro exemplo desses encontros culturais é a música que é em suma a mais importante manifestação cultural deste Estado. Através da música, podemos identificar a cultura local de uma região. Por meio da melodia e das letras de uma canção, conseguimos percorrer o mais íntimo de um artista, pois, além de ser um meio de expressar seus sentimentos, a música evidencia as raízes e a história de um povo.

CAPÍTULO II

2.1 A História da Música no Brasil

De acordo com Montanari (1993, p. 74), quando os portugueses chegaram ao Brasil, em 1.500, certamente já havia música por aqui, a dos índios. A música indígena brasileira deve ser tão antiga quanto o próprio índio. A música é um dos elementos mais vivos na cultura

do Brasil. Quando os portugueses chegaram ao Brasil, já havia música por aqui, a música dos nativos, porém, segundo estudiosos, a história da música brasileira começa em 1500 quando os descobridores foram logo impondo seus costumes musicais, mormente os cânticos religiosos. Eles subestimaram a cultura local, ensinando aos índios cânticos cristãos ensinados na época por padres jesuítas, que foram quem realizou a obra da catequese.

Ainda de acordo com Montanari (1993), até o século XIX Portugal foi a porta de entrada para a maior parte das influências que construíram a música brasileira, erudita e popular, introduzindo a maioria do instrumental, o sistema harmônico, a literatura musical e boa parcela das formas musicais cultivadas no país ao longo dos séculos, ainda que diversos destes elementos não fosse de origem portuguesa, mas genericamente europeia. O indígena praticamente não deixou traços seus na corrente principal, salvo em alguns gêneros do folclore, sendo em sua maioria um participante passivo nas imposições da cultura colonizadora. A maior contribuição do africano tornou-se forte somente a partir do século XX, com a diversidade rítmica e algumas danças e instrumentos, que assim como o indígena, tiveram um papel maior no desenvolvimento da música popular e folclórica.

“Foi só lá pelas tantas do século XVIII que apareceu o primeiro sinal de música erudita por aqui, por iniciativa do padre José Maurício Nunes Garcia (1767-1830), que escreveu obras religiosas notáveis”, conforme afirma Montanari (1993, p. 74).

“Dom João VI, vindo da Europa, surpreendeu-se com o talento do padre José Maurício, e o nomeou inspetor da música da capela real” (LUIS ELLMERICH apud MONTANARI 1993). Outros nomes surgiram, o do padre, e entre eles o de Francisco Manuel da Silva (1795-1865) que entre vários feitos leva o crédito de ser um dos autores do Hino Nacional Brasileiro. (MONTANARI, 1993, p.75)

Ao longo do tempo e com o crescente intercâmbio cultural com outros países além da metrópole portuguesa, elementos musicais típicos de outros países se tornariam importantes.

A Semana de Arte Moderna, esse acontecimento, que ocorreu entre os dias 13 e 17 de fevereiro de 1922 no Teatro Municipal de São Paulo, “passou à história da cultura no Brasil como evento que inaugura simbolicamente o modernismo”. (GOLDENBERG apud TRAVASSOS, 2000, P. 17)

A Semana de Arte Moderna foi um momento muito importante, inclusive no âmbito musical; o movimento teria impacto na reformulação dos conceitos sobre a arte nacional. Heitor Villa Lobos foi um dos músicos que se apresentou e que viria a ser a maior figura do nacionalismo musical brasileiro.

Somente em meados do século XX, uma produção de caráter especificamente brasileiro na música erudita aconteceria após a grande síntese realizada por Villa Lobos.

Villa Lobos (1887-1959), considerado o grande gênio da música erudita brasileira, escreveu peças inspiradas em praticamente todos os setores populares, empreendeu aprofundadas pesquisas sobre o folclore musical brasileiro, que incorporou largamente em sua produção.

Montanari diz ainda que:

Importante em sua obra é a diversidade instrumental, valorizando inclusive o violão, que simboliza bem o Brasil na área das cordas. Pelos títulos de seus trabalhos, dá para se perceber que tinha alto interesse nacionalista. Entre eles: A lenda do Caboclo, Trenzinho do caipira, Momo precoce e Descobrimento do Brasil (MONTANARI, 1993, p. 75).

No próximo tópico, saberemos como se deu a origem da música no atual Estado de Mato Grosso do Sul, quem foram os pioneiros da música de raiz e quem se destacou após a divisão do Estado.

2.2 A Música em Mato Grosso do Sul

De acordo com Teixeira (2009, p. 28), somente depois da Guerra com o Paraguai, entre 1864 e 1870, é que o Sul do Mato Grosso se tornou famoso perante os brasileiros. A região foi sendo povoada por soldados e combatentes de várias partes do país, já que após esse episódio em que o Paraguai é derrotado pelo Brasil, Argentina e Uruguai, a região fica sendo conhecida por suas terras boas para fazer moradia e suas belezas naturais. E é na virada do século XIX para o século XX, que surge Corumbá como o primeiro polo cultural da região.

Segundo Guizzo (1982), em sua obra “*A Moderna Música Popular Urbana de Mato Grosso do Sul*”, com base em artigos do jornalista e pesquisador Renato Baez, Corumbá já possuía algumas bandas, tais como a do Exército, que para lá foi em 1903, em consequência da Questão do Acre, e, a dos operários do Arsenal de Marinha de Ladário.

Sendo assim, ainda de acordo com o autor, a cidade contava logo com várias bandas, entre elas, o Conjunto do Matias, que atuou de 1900 a 1911; e neste mesmo ano nascia a Orquestra do Mestre de Ferro, do português Álvaro Ferro, além da Orquestra dos Inocentes. A cidade contou ainda com a Filarmônica Corumbaense, sob a regência do maestro Emídio Campos Vidal. A orquestra animava as sessões do cinema mundo, no Cine Excelsior.

Guizzo ressalta ainda que:

A relação nominal destas orquestras e conjuntos servem em realidade mais para se constatar que Corumbá sempre foi e ainda é uma cidade rica em instrumentistas, compositores, intérpretes, e, cujo povo é extremamente musical. A simples existência destes músicos todos numa cidade, distante da metrópole, numa época e num país onde a música instrumental era pouco considerada, já se faz digna de nota, por si só. (GUIZZO, 1982, p.8)

A música é sem sombra de dúvida, um dos mais fortes segmentos da cultura sul-mato-grossense. Segundo Duncan e Rosa (2009, p.10), a influência da música na constituição de uma sociedade é tão marcante que pode inovar estilos de vida, formas de expressão, modos de vestuário e de percepção da realidade.

Podemos dizer que a música expressa a identidade de um povo, levando em conta que a identidade está em constante processo de construção, ao longo do tempo vamos reconstruindo valores e tradições. É através da música que o artista revela costumes, crenças, hábitos e conhecimentos socioculturais. A música é uma manifestação artística de grande valor.

Segundo Teixeira (2009, p.09), vários talentos transformaram, a partir dos anos 1950, o Sul do estado em um celeiro artístico de primeira qualidade.

Trata se de uma geração sertaneja com herança fronteiriça. Uma geração que até os dias atuais, mesmo com a tecnologia avançada, novos ritmos e recursos musicais, ainda guardam tradições e costumes.

No surgimento da música no estado, os primeiros compositores foram pessoas que vieram do campo, das fazendas, vestiam se de modo caipira, falavam de maneira simples, cantavam sua vida, vida difícil, humilde e quase sempre sofrida que levavam no campo, mas tiveram um contato muito grande com a fronteira, que com sua presença marcante em Mato Grosso do Sul, influencia até os dias atuais nos costumes, crenças, enfim, na construção de identidade do povo dessa região. Esse contato cultural direto, resultou um processo de

identidade bastante singular, então construíram um repertório que refletem essa herança, perdendo assim o protótipo do homem caipira que tocava apenas moda de viola. Essa é a principal característica da música regional dos anos 50 tocada no sul do estado.

Bianchini (2000 apud HIGA 2010, p.78) destaca que o paraguaio imprimiu na sociedade sul-mato-grossense marcas culturais bastante profundas, que se traduzem na música, na língua, no folclore, em hábitos de vida e na alimentação.

Sigrist (1993, apud HIGA 2010 p. 328) relaciona algumas dessas manifestações:

Culto a Nossa Senhora de Caacupé cujo clímax se manifesta nas festividades de 8 de Dezembro com missas e festas;

- Folgado *Toro Candil* – espécie de Bumba-meu-boi- cultivado na cidade de Porto Murtinho (fronteira de Mato Grosso do Sul com o Paraguai);
- Incorporação de brinquedos infantis, frutas da época, *chipas* e *caburés* ao presépio natalino;
- Hábitos de procurar cartomantes e “ledoras” de sorte (a maioria delas são descendentes de paraguaios);
- Consumo do *tereré* (erva mate com água fria) em animadas rodas de conversa hoje bastante popular em todas as faixas etárias e classes sociais;
- Uso de ervas e raízes medicinais possibilitadas pelas consultas aos vendedores de ervas denominados “raizeiros”;
- Delícias da culinária paraguaia como o *caburé* [...], *chipa* e *sopa paraguaia*.

Segundo Teixeira (2009, p. 34), “a música autoral do Sul de Mato Grosso, nasceu escancarando a influência da música paraguaia.” Para o autor, essa geração é toda sertaneja, mas tem uma herança mais ligada à tradição castelhana do que caipira. O que a difere do restante do país.

Para Caldas (1979 apud HIGA 2010, p. 299), a forma lamuriante da guarânia agradava mais do que as nossas modas de viola e que foi este o fator determinante para a popularização da música paraguaia no Brasil.

A polca paraguaia, a guarânia e o chamamé são gêneros musicais presentes em nosso estado e integra uma das representações mais importantes de sua identidade cultural.

Polca paraguaia, também chamada de *Danza Paraguaya*, é um estilo musical criado no Paraguai no século XIX. A polca paraguaia e suas principais derivações, guarânia e chamamé, são gêneros musicais que representam importantes aspectos da identidade cultural não apenas

do próprio Paraguai, mas também das regiões norte da Argentina e centro-sul do estado brasileiro do Mato Grosso do Sul. Segundo Higa (2010, p. 337)

Reconhecer a polca paraguaia como gênero matriz da guarânia, do chamamé e das canções brasileiras e regionais construídas sobre sua configuração rítmica básica (comumente denominadas “rasqueados”) é apontar para uma maior conscientização e valorização do papel histórico e cultural desempenhado pelos paraguaios em Mato Grosso do Sul.

De acordo com Teixeira (2009 apud Duncan e Rosa 2009):

A geração de Délio & Delinha e Amambay & Amambaí diferenciou-se daquela música caipira, que estava rolando nos anos 1950 e 1960 no Brasil. A música sertaneja era sinônimo de Jeca Tatu e tinha aquela “caipirice” no estilo Tônico e Tinoco. O pessoal daqui entrou mostrando algo diferente, como polca, guarânia, rasqueado, chamamé e cantando em espanhol e guarani. O DNA era diferente. (DUNCAN e ROSA. 2009, p.209)

O autor ainda destaca que “o povo daqui tem seu próprio estilo de interpretar a polca, a guarânia e, sim, o próprio chamamé correntino. Zé Corrêa revolucionou o modo de tocar o acordeon e de interpretar os chamamés argentinos” (Teixeira, 2009, p.34)

A Música sertaneja no estado ascendeu a partir de 1950. Ainda no Mato Grosso Uno, no Sul do estado se destacavam estrelas como Délio & Delinha, Beth & Betinha, Amambay & Amambaí, Tostão & Guarani, entre outros. Teixeira (2009, p. 34) diz que: “o fato, é que em poucos lugares do país, os compositores usam três línguas nas letras – espanhol, guarani e português-, e o ritmo explorado é o ternário (3/4 ou 6/8).” E tais características podem ser observadas até os dias atuais na música sul-mato-grossense.

Segundo Teixeira em sua Obra: Os Pioneiros, a elegância é uma das qualidades desta geração de músicos:

O terno sempre impecável de Délio e a saia rodada de Delinha viraram marca da dupla. O poeta elegante Zacarias Mourão, o Índio do Mato Grosso, também fazia suspirar as mocinhas do auditório e as colegas de trabalho. O também saudoso Zé Córrea sempre estava alinhadíssimo. Beth & Betinha

eram as princesinhas da fronteira! Victor Hugo e Benites até hoje mantêm a fina estampa. (TEIXEIRA, 2009, p. 11)

O figurino era característica marcante dos artistas da década de 50. Em uma entrevista concedida a Rodrigo Teixeira, Delinha conta que a impecável saia rodada, virara uma marca da artista. “Pode ser de dia ou de noite. Os fãs gostam de nos ver bem vestidos”.

Como sabemos, naquele tempo não haviam muitos meios de propagação desses talentos. Como forma de divulgação, os artistas tinham as apresentações nas emissoras de rádio que naquela época estava ascendendo muito em todo o Brasil, sem deixar de ressaltar a grande importância dos circos na propagação desses trabalhos, que na década de 50, serviam de cenário musical para esses talentos. Teixeira (2009), relata que os espetáculos eram apresentados pelos próprios cantores que faziam os protagonistas e ao final da encenação cantavam suas canções, fechando com chave de ouro.

Ainda segundo o autor, uma figura de magnitude na história e principalmente na evolução da história da música sertaneja de Mato Grosso do Sul, foi o saudoso Mário Vieira, compositor e dono da gravadora Califórnia, foi ele quem impulsionou os músicos do estado.

O autor lembra que “a ligação com Cuiabá praticamente não existiu para a maioria destes compositores. Délio & Delinha, por exemplo, fez apenas um show em palcos cuiabanos em 50 anos de carreira” (TEIXEIRA, 2009, p.35)

Como ponto desfavorável, podemos citar que, mesmo com a divisão do estado, até os dias atuais não teve seu merecido reconhecimento, levando em consideração que é “comum” ouvir menções ao nosso estado como sendo Mato Grosso, ou seja, por mais que tenha acontecido a divisão, e conseqüentemente uma mudança de nome, ainda é tido por muitos como um único estado.

Com a divisão de MT e MS em 1977, MS precisava reafirmar sua identidade, recebe como herança a fixação de grandes nomes na música destacando-se nomes como os da Família Espíndola, Paulo Simões, Carlos Colman, Grupo Acaba. “No momento em que se cria o Mato Grosso do Sul, a geração que havia começado a florescer nos festivais estudantis, a partir de 1967 em Campo Grande, se firma como a “verdadeira” música do novo Estado.” (Teixeira. 2009 p. 35)

Tetê e o Lírio Selvagem, é considerado o primeiro registro da música sul-mato-grossense; lançado em 1978, distanciou-se, efetivamente, da música sertaneja de raiz, por incorporar uma linguagem pop, a partir de influências de Beatles, do Psicodelismo, do movimento Flower Power, da Bossa Nova, do Tropicalismo, que era algo ainda inédito na

região. Isso num momento em que ocorria “uma espécie de negação de tudo o que representava o antigo Mato Grosso” (TEIXEIRA, 2009, p. 35).

Apesar de não ser um fato comprovado, é fácil perceber que com a divisão do Estado, houve também uma divisão de artistas, sendo que, ganhamos grandes compositores de nossas canções, enquanto MT fica com artistas plásticos.

Entre tantos compositores que se destacaram num cenário de grandes artistas nesse novo momento, podemos destacar Guilherme Rondon e Geraldo Roca como exemplo de um trabalho de prestígio e reconhecimento.

2.3 Século XXI: Uma nova Identidade Musical

A Polca-Rock se tornou a nova identidade musical sul-mato-grossense na virada do século XXI. Uma mistura que uniu elementos do pop/rock nacional e internacional combinados a ritmos ternários, elementos típicos da música platina. A partir da década de 90, a música sul-mato-grossense passou por uma grande transformação. Foi aí que surgiu, enfim, um mercado consumidor da música regional.

Rodrigo Teixeira que além de músico é um dos maiores pesquisadores sobre a música sul-mato-grossense relata que:

[...] Naquele final de anos 1980, havia uma escassez de bandas e a polca-rock veio com a vontade de regionalizar, de envenenar a polca paraguaia e ser portadora da mensagem: olha, estamos aqui, somos uma nova geração de músicos, não existe apenas o pessoal da Jacarelândia. (SÁ ROSA; DUNCAN, 2009, p. 201).

O novo aspecto da música do estado surgiu com força. Embora seja algo muito diferente, devido às associações do ritmo ternário, polca, chamamé e guarânia, o novo estilo musical ganhou admiradores e fãs muito rapidamente. No próximo tópico, conheceremos um pouco mais sobre a vida e carreira de dois grandes nomes da nossa música.

2.4.1 Guilherme Rondon



Figura 1: Guilherme Rondon no Show Gerações.
Disponível em www.guilhermerondon.com.br
Acesso em: 22 Jun. 2013

Nas palavras de Duncan e Rosa (2009, p. 109) “O signo maior de Guilherme Rondon é a pluralidade, tanto das ações, quanto da criatividade musical. Trata-se de um artista que transita com leveza única dos mais simples aos mais complicados ritmos”.

Compositor, violinista, intérprete de suas canções, o pantaneiro Guilherme Rondon domina com maestria a fusão de ritmos ternários da fronteira como guarânias, polcas e chamamés. Sua formação musical permitiu que ao tocar os ritmos daqui, utilizasse harmonias diferentes das usuais, o que chamou atenção das pessoas.

“Misturei bossa nova, blues, Beatles, MPB, com os ritmos ternários, o que deu sonoridade diferente e personalidade ao meu trabalho. Hoje, quem ouve logo diz: É Guilherme Rondon”, conta. Duncan e Rosa (2009, p. 109)

De acordo com Danilo Caymmi apud Duncan e Rosa (2009, p. 111), “a música de Guilherme Rondon é forte, potente, rica e cheia de uma influência platina que emociona.”

Em entrevista concedida à Duncan e Rosa (2009, p. 111) Guilherme Rondon diz: “Minha música tem o cheiro do Pantanal onde estão fincadas minhas raízes e onde minha infância decorreu cercada de música e natureza.”

Paulista, foi criado em Corumbá, no Pantanal do Paiaguás. Voltou à São Paulo nos anos 70 e estudou 3 anos no CLAM - a escola do Zimbo Trio - onde completou sua formação

musical. Paralelamente tocou na noite e participou de vários festivais universitários da época, tendo sido vitorioso em dois deles.

Retornou a terra natal morando em Campo Grande onde participou de diversos shows individuais e coletivos se tornando um dos expoentes da música pantaneira.

Assumiu a direção musical dos shows "Estranhas Coincidências" e "Mil Melodias" e foi um dos intérpretes e diretor musical do disco do projeto "Pantanal: Alerta Brasil", pelo selo Resenha Nacional.

Suas composições já foram gravadas por um leque variado de artistas, como: Nana Caymmi, César Camargo Mariano, Célia, Ivan Lins, Sérgio Reis, Lula Barbosa, Danilo Caymmi, Rosa Maria, Lucinha Lins, Jackie Heker, Almir Sater, Alzira Espíndola, Papete, Diana Pequeno e o extinto grupo vocal "O Quarteto".

Foi selecionado em 2006 para o 9º prêmio visa compositores e se apresentou em Agosto no SESC Vila Mariana com bastante sucesso junto ao público, momento esse que foi um dos mais importantes da vida do compositor. Segundo Guilherme (apud DUNCAN e ROSA 2009), se inscreveram mais 1.600 compositores de todo o Brasil, e ele ficou entre os 28 selecionados apresentando cinco músicas ao lado de outros nomes.

Participou em Julho 2012 como convidado do show da turnê do prêmio de música brasileira em Corumbá/MS ao lado de João Bosco, Leila Pinheiro, Arlindo Cruz, Alcione e Mariana Aïdar.

Na mesma entrevista à Duncan e Rosa (2009), Guilherme diz que:

A música de MS é resultante das influências da fronteira. O início de nossa cultura vem pelos caminhos do Paraguai. Não se pode falar em música de MS sem citar a polca, o chamamé e a guarânia. É um caldo cultural dessa influência da música ternária que é uma linguagem que dominamos como poucos. (Guilherme Rondon apud DUNCAN e ROSA 2009, P. 121)

Lançou o CD e DVD "MADE IN PANATANAL", totalmente gravado em uma fazenda no Pantanal comemorando seus 40 anos de carreira como compositor. "Minha música tem o cheiro do Pantanal onde estão fincadas minhas raízes e onde minha infância decorreu cercada de música e natureza", declara o compositor.

“Quando vou para outros estados levo a música daqui e as pessoas se encantam com o som bem diferente do que ouvem por lá. Esse ritmo que é natural para nós, surpreende e fascina pela alegria, daí vem o sucesso dos artistas daqui, quando se apresentam por lá. Sinto que sou mais querido lá fora do que em meu Estado.” (Guilherme Rondon apud DINCAN e ROSA 2009, P. 121)

No dia 05 de Junho deste ano, o compositor se apresentou em Portugal, no Espaço Brasil, no LX Factory. O show foi em Lisboa no Projeto Ano do Brasil em Portugal.

Ao todo Guilherme Rondon lançou 7 CDs.

2.4.2 Geraldo Roca



Figura 2: Roca participou do show Gerações.
(foto: Eduardo Medeiros)
Disponível em < <http://www.overmundo.com.br> >
Acesso em 22 out. 2013.

Geraldo Roca é um dos compositores mais gravados e influentes do Mato Grosso do Sul. É autor de composições como Trem do Pantanal, que gravou ao lado de Paulo Simões, que é considerada uma das mais representativas de MS e de outras importantes composições como Japonês tem três filhas.

Em entrevista à DUNCAN E ROSA (2009), Geraldo Roca conta que cresceu ouvindo bossa nova e que simplesmente detestava. Não se recorda de ter vivido qualquer tempo em que a música não fizesse parte de sua vida.

Influenciado pelas bandas inglesas com suas guitarras elétricas, Geraldo conta que sempre foi muito ligado ao rock da Inglaterra e ao dos Estados Unidos. O cantor e compositor norte-americano Bob Dylan é considerado por Geraldo um grande nome da música Folk. “Bob Dylan é a maior influência em minha maneira de ser.” (DUNCAN e ROSA 2009, p. 75).

Teixeira (2007) relata que Roca faz shows eventuais e seus discos demoram. Com 49 anos e 26 de profissão, o compositor lançou apenas um LP e dois CDs. Nasceu no Rio de Janeiro e sempre flertou com o Mato Grosso do Sul, onde sua família possui fazendas, mas apenas em 1988 resolveu mudar para a capital do Estado.

Com 16 anos, teve uma banda chamada Yellow Byrds, nome inspirado na banda Byrds que regrava a música de Bob Dylan. Logo começaram a misturar música americana com música brasileira, porém, interrompeu as atividades musicais com a banda, ao ter que ir passar um tempo na fazenda Santa Branca, fazenda situada no MS. “Quando criança, eu associava Santa Branca, nome de nossa fazenda com a canção Asa Branca de Luís Gonzaga. A música Santa Branca foi meu começo como artista, compondo em português, vivendo a música brasileira.” (DUNCAN e ROSA, 2009, p.76)

Depois de certo tempo, afastou-se do som elétrico e foi tocar música caipira nos festivais.

Uma coisa que eu ouvia muito, quando criança e nunca prestava atenção era um negócio chamado polca paraguaia, porque na fazenda sempre havia festa com muita polca. Jamais me ocorreu que eu pudesse um dia vir a compor aquilo ali. Mas quando eu falei que tocava folk e caipira veio a indagação por que não tocava a música das raízes de minha infância, fácil de fazer. Decidi abordar esse gênero [...] (ROCA apud DUNCAN e ROSA, 2009, p.78)

“Se fosse escolher um compositor para dar de presente ao povo brasileiro, este compositor seria Geraldo Roca”, revela Renato Teixeira ao escritor Rodrigo Teixeira, grande apreciador da música produzida em MS e com quem Roca gravou, tocando viola de 10 cordas, o LP Garapa ainda na década de 80.

Com o lançamento da música Polka outra Vez, o compositor revela uma musicalidade que incorpora elementos de música folk britânica e estadunidense, do country, de instrumentos eletroeletrônicos, aliados a elementos da música do interior do Brasil, resultando numa espécie de pop/rock estilizado. A seguir, apresentaremos os três trabalhos lançados de Geraldo Roca.

CAPÍTULO III

3.1 Análises das Composições

Nos capítulos anteriores, fizemos um breve histórico do surgimento da música no Brasil e também em Mato Grosso do Sul, bem como suas características. A partir destas considerações, escolhemos dois grandes nomes na composição de músicas sul-mato-grossenses, são eles Geraldo Roca e Guilherme Rondon e a partir da biografia destes compositores, analisaremos algumas de suas canções.

3.1.2 Trem do Pantanal

(Geraldo Roca/Paulo Simões)

Enquanto este velho trem atravessa o pantanal
As estrelas do cruzeiro fazem um sinal
De que este é o melhor caminho
Pra quem é como eu, mais um fugitivo da guerra

Enquanto este velho trem atravessa o pantanal
O povo lá em casa espera que eu mande um postal
Dizendo que eu estou muito bem vivo
Rumo a Santa Cruz de La Sierra

Enquanto este velho trem atravessa o pantanal
Só meu coração está batendo desigual
Ele agora sabe que o medo viaja também
Sobre todos os trilhos da terra
Rumo a Santa Cruz de La Sierra

Conforme as palavras de DUNCAN e ROSA (2009, p. 9), a música “desencadeia sonhos, condensa e expande o tempo, reitera alegrias, compartilha tristezas e recria expectativas.” A música “Trem do Pantanal”, composição de Geraldo Roca e Paulo Simões é uma música tipicamente regional. Observa-se que a letra da canção busca retratar uma viagem de trem que segue caminho pelo Pantanal sul-mato-grossense rumo à Santa Cruz de La Sierra, recordando os carros do Noroeste e acentuando a importância da ferrovia na ligação com os países Latino-americanos. Conferimos o verso da música: *Enquanto este velho trem/ atravessa o Pantanal/ e ainda Rumo a Santa Cruz de La Sierra.*

Segundo Duncan e Rosa (2009), a música é um meio de expressão, através da linguagem musical que o compositor se comunica:

[...] A linguagem musical é um tipo especial de comunicação, um recurso de expressão de ideias, sentimentos e cultura, que propicia a representação e a interpretação da realidade e pode ser visto como instrumento de aproximação e de identificação das pessoas. (DUNCAN e ROSA. 2009, p.9)

A impressão que os compositores nos remetem é de que a composição da música Trem do Pantanal ocorre dentro do trem, durante o tempo de viagem. Através da letra da música é possível observar que há uma espécie de fuga, da busca pelo silêncio. O verso: *Pra quem é como eu/ mais um fugitivo da guerra*, não nos parece se tratar de guerra de um “campo de batalha”, “de combate”, mas a guerra “de medo”, “de correria”. É como se a letra da música estivesse apontando para o ato de recuar, sair de cena: *de que esse é o melhor caminho pra quem é como eu/ mais um fugitivo da guerra*.

A composição da música é baseada no silêncio, distante de ruídos, na harmonia. Sobre Paulo Simões, Duncan e Rosa (2009, p.30) apontam que “valoriza os parceiros com quem gosta de trabalhar, se possível no silêncio do campo, longe de telefones e outros ruídos que o impeçam de brincar com as palavras na construção de letras surpreendentes e originais.”

A música em si, reflete a imagem de uma pessoa simples, que deixa transparecer seus sentimentos, que gosta do lugar simples, de uma vida sossegada. No depoimento de Paulo Simões, um dos compositores da melodia, colhido por Duncan e Rosa, diz:

O prazer maior acontece quando estou em lugares como o Pantanal ou lugares que sejam, ou pareçam tranquilos. Aqui na cidade a experiência é tão fragmentada, toca o celular o tempo todo, a gente interrompe de todo jeito, que compor só se for por encomenda. (DUNCAN e ROSA. 2009, p. 41)

Sobre os trilhos o pensamento do compositor volta para as estrelas, para a família que deixou em casa, motivo pelo qual seu coração bate de forma desigual, por sentir saudades.

O mesmo medo que lhe faz fugir, no final da música, confere que com ele viaja dentro do trem.

Essa canção é uma das mais representativas de Mato Grosso do Sul. É uma canção que aponta valores e traços culturais da nossa região. É composta da matéria prima fronteiriça. As letras contam uma história da vida urbana, do primitivismo da guerra de alguém que está fugindo do Brasil para Bolívia.

3.1.3 Japonês tem três filhas

(Geraldo Roca)

Japonês tem três filhas
Uma é Yoshiko-san
Yoshiko é a mais nova
E é uma linda cuña

Ela é índia do Oriente
Eu sou bugre daqui
Falou comigo em japonês
Respondi em guarani

"Wasurenaide", me falou assim
Eu respondi: "Nai moái che
ro rechave"
A índia lá do Oriente
Gostou do bugre daqui
Japonesinha é minha cuñataí.

Japonês me comprou o chão
Me comprou roça de arroz
Vendi o arroz e o chão
E não entreguei nenhum dos dois

Vou casar com a filha do japonês
O resto eu vejo depois
"Seu" japonês não se zangue
Foi sua filha quem me propôs

Plantação lá do japonês
É coisa que nunca vi
Lá tem um pé de pimenta
Que mais parece caqui
Lá cresce jabuticaba
Do tamanho de maçã
Mas sua fruta mais linda
Se chama Yoshiko-san
Yoshiko-san, minha linda
Yoshiko-san my porã
Não casaremos na igreja
Nossa paixão é pagã

Esquece o Deus da igreja
Venera o sol da manhã
Desmaia o corpo na relva
E diga pro seu galã

Wasurenaide, me falou assim...

Na composição de “Japonês tem três filhas” Ducan e Rosa (2009, p.78) revelam que Geraldo Roca admite que se inspirou em Oswald de Andrade em “Marco Zero” como referência à ocupação japonesa.

Marco zero não deixa de incorporar a ideia que essa ditadura fazia do imigrante japonês: O Grupo Escolar havia sido salão de baile nos tempos idos, quando o imigrante japonês invadira o litoral sul do Estado, encaminhando-se para a formação de seus quistos raciais. (ANDRADE, Oswald, 1943. 2, p. 40)

Geraldo Roca, em entrevista concedida à Maria da Glória Sá Rosa em 2005/2008 relata que:

Atrás da fazenda Santa Blanca há a Colônia Jamic, que eu achava de certa forma misteriosa. Aquele universo diferente, cercado por um muro fechadíssimo, me intrigava. Inclusive, segundo ouvi, seu presidente é escolhido no Japão pelo Imperador. Intrigado com o mistério, compus Yoshiko San (Japonês tem três filhas). (DUNCAN e ROSA. 2009, p.70)

A canção é uma sátira. Com muito senso de humor o compositor, discorre sobre a miscigenação de Mato Grosso do Sul. Utiliza palavras como bugre, índia do Oriente, *cuñataí, nai moái che ro rechave*, para ressaltar a diversidade cultural aqui existente.

Em palavras como *cuñataí e Nai moái che ro rechave* que significa: “não acredito voltar a te ver”, o compositor utiliza do guarani em sua canção. Esses traços culturais estão presentes na letra e na melodia da música.

A composição narra a paixão do índio apaixonado por uma japonesa, e apesar do nome da música referenciar as três filhas do japonês, o compositor refere-se somente a uma delas, a mais nova, que tem por nome Yoshiko-San, considerada a mais bonita.

Ao utilizar a expressão *linda cunã*, o compositor a elogia, dizendo “linda jovem”. Ao se referir à moça, o autor a trata como índia do Oriente e ele como sendo o bugre daqui, do Mato Grosso do Sul. Em síntese, nota-se através dessa linda melodia uma paixão, que é reconhecida por ele como sendo uma paixão pagã. Nela o compositor expõe seus sentimentos e sua cultura.

3.1.4 Polka outra vez

(Geraldo Roca)

Trêbado no avião
Oi lá vou eu centro-oeste
Perdi a conexão
Quase fui parar lá em Punta Del Leste
Chora coração
Ninguém te proibiu
E o avião não caiu
Pois então to eu de volta
E tome polka!

Ai o que é que eu faço gurria?
Vai nesse compasso gurria
Eu digo dim, dim, dim, dim, dim, dim
Roda em volta de mim que a polca paraguaia é assim

Ramon Martinez Ortega
Paraguaio de Assunción
Comanda o baile esta noite
O baile então será bom
Ramon conhece a receita
não me interessa o tom
Conta um, dois, três
E mete bronca mais uma vez
E tome polka!

Ai o que é que eu faço gurria
Vai nesse compasso gurria
Eu digo dim, dim.....

Dança comigo um momento
Morena Che Ro Raihu
Eu sei que você é filha
Do rei do gado zebu
Me fala de céu azul
me fala de casamento
que eu quero esse gado todo
na minha balança de pagamento

morena Che Roga Mi
seu pai ele me conhece
eu sei que ele diz por aí
que eu nunca fiz nada que preste
é mais ele bem sabe que eu morro de rir
do jeito que ele se veste
hipócrita a velha peste
diz que sentiu minha falta

e tome polka!

Geraldo compôs essa música no final da década de 1980, quando surgia no estado essa nova roupagem da música sul-mato-grossense. A canção é considerada a pedra fundamental para o surgimento da polca rock. Nessa canção a herança fronteiriça fica evidente. É nítido o uso dos compassos ternários oriundos do Paraguai, associado ao rock. Nessa canção, o carioca retrata um homem fugindo da civilização, da loucura da cidade do Rio de Janeiro e entrando no estado de Mato Grosso do Sul, a terra do gado Zebu.

Em dado momento na canção: *eu morro de rir do jeito que ele se veste/*. O autor ironiza a forma como o homem do campo, peões ou fazendeiros se vestem, sabendo que o modo de se vestir do homem pantaneiro, é muito simples.

3.1.5 Paiaguás

(Guilherme Rondon/Paulo Simões)

Sobre o Taquari
Voa um avião
Sobrenatural ave de metal
Me leva feliz

Lá no Paiaguás
Por o pé no chão
Fruta do quintal, leite no curral
Rede pra dormir

Bem que eu devia nunca nem sair

Mundo de aguapé
Parece ilusão
Água de cristal, doce visual
Um céu tão azul

Polca ou chamamé
Primeira canção
Roda o tereré, canta quem quiser
Lua vai ouvir

Bem que eu queria nunca mais sair.

A canção refere-se ao sentimento de felicidade pelo qual o homem nativo é tomado ao voltar a sua terra, as suas origens. Ao dizer *lá no Paiaguás, por o pé no chão/*, fica evidente o

modo simplório como vive o homem pantaneiro e de certa forma temos a impressão de que o próprio autor, emocionado, revive tais momentos.

Ao citar Paiaguás, o compositor revela aspectos pantaneiros pertinentes a essa região, um conjunto de hábitos característicos do Pantanal como: *fruta no quintal, leite no curral, rede pra dormir*!, sem esquecer-se da manifestação da cultura paraguaia que está viva na identidade sul-mato-grossense e pode ser observada em “polca ou chamamé, roda de tereré”. Como já citado, de acordo com Sigrist (apud HIGA 2010), podemos afirmar que herdamos inúmeros hábitos da cultura paraguaia, sendo que a música é considerada o maior meio de manifestação cultural de um povo.

Nesse sentido, a canção composta por Guilherme Rondon e Paulo Simões no ano de 1994, em sua própria essência traz traços marcantes da identidade de um povo, do povo Sul-mato-grossense.

3.1.6 Horizonte

(Guilherme Rondon)

Calma deixada no mundo
Sei que encontrei meu lugar
É lá que me entrego aos prazeres
Nos verdes momentos
De cantar

Casa caiada sem muro
Mato que invade o quintal
Saber o ser tão da cidade
É roçar a verdade
De viver

Tardes inteiras
Recortem mangueiras
Num céu horizonte
Perdido na luz

E no ar a fábula
E na terra a mágica
Na fogueira o sonho
Nas águas o som...
Onde que o mar não fez
Nuvem querendo paz
De ser feliz
Eu vim atrás

Nesta composição Guilherme Rondon enfatiza o contentamento, a segurança e o bem-estar do personagem ao adentrar nessas terras. Ao se pronunciar em uma entrevista, Rondon fala de sua inspiração a musica local, conta que é a pousada situada no Pantanal, Pousada Barra Mansa, que o inspira. A canção canta o Pantanal e revela ícones ligados ao mundo natural, como as águas, matas, a terra. Esse espaço revela as raízes do homem pantaneiro, o gosto pelas coisas simples e adeptas ao natural, valoriza esse tipo de riqueza.

Encontrar os aspectos que mostram a cultura de Mato Grosso do Sul nas letras dessas canções, compostas por esses brilhantes nomes, significa que as nossas raízes estão vivas e se enraizando mesmo com o passar do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que o Pantanal e a fronteira são as duas principais influências para a música local. É uma soma da riqueza natural e cultural pantaneira aos traços fronteiriços.

Sendo assim, esta pesquisa tentou mostrar um pouco da preciosidade desse povo reconhecida como sua herança cultural. Dos traços que identificam o homem em uma sociedade, gravada nas letras e melodias dessas canções compostas por grandes nomes da música sul-mato-grossense, ao passo que quem está de fora, ouça e logo diga: Esse é o Mato Grosso do Sul, o Estado do Pantanal, já que fica evidente a preocupação dos compositores em

compor canções que realmente falem sobre a cultura local, destacando suas belezas e ressaltando que a região é uma espécie de paraíso ecológico ou paraíso das espécies.

Esta pesquisa pode nos mostrar quão rica é a nossa cultura, além de nos ter proporcionado momentos de reflexão sobre o “ser diferente” do outro, refletida na diversidade cultural local. Como futura docente, percebi a importância de se conhecer as nossas raízes e a realidade na qual estamos inseridos. É de fundamental importância que se conheça e respeite essas diferenças, afinal, somos todos seres humanos.

Durante a pesquisa, encontramos algumas dificuldades quanto ao material de apoio, haja visto que as pesquisas sobre a história musical do estado não datam de muito tempo e são poucas, apesar de riquíssimas. Podemos dizer que o tempo também é pouco, tendo em vista a amplitude desse campo de estudo.

Aprofundar-se nesse universo encantador que é a música foi muito prazeroso, adentrar em histórias até então desconhecidas para ter uma noção de como tudo começou, é redescobrir-se.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. **Marco Zero II: Chão**. São Paulo: Globo, 1991.

BARROS, Manoel. **Águas**. Campo Grande, MS 2001

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução: PAULA, Sergio Goes de. Rio de Janeiro: Jorg Zahar, 2005.

CEVASCO, Maria Elisa. **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**/organização Thomas Bonnici, Lúcia Osana Zolin. 2 ed. Ver e ampl.— Maringá: Eduem, 2005. P. 267-273

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez Lições sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

DUNCAN Idara; ROSA, Maria da Glória Sá. **A Música de Mato Grosso do Sul: Histórias de Vida**. Campo Grande, MS 2009

GOLDBERG, Luiz Guilherme. **O Modernismo Musical Brasileiro**. Artigo disponível em <<http://dc.itamaraty.gov.br/imagens-e-textos/revista12-mat9.pdf>> acesso em 02 de Maio de 2013.

GRESSLER, Lori Alice; VASCONCELOS, Luiza Mello; SOUZA, Zelia Peres. **História do Mato Grosso do Sul**. São Paulo, SP 2008

GUIZZO, José Octávio. **A Moderna Música Popular Urbana de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande, MS [s.n.], 1982

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro RJ 2002

HIGA, Evandro Rodrigues. **Polca Paraguaia, Guarânia e Chamamé. Estudos sobre três gêneros musicais em Campo Grande - MS**, Campo Grande, MS. UFMS 2010

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos ESTUDOS CULTURAIS**. SP, 2004

MONTANARI, Valdir. **História da Música. Da Idade da Pedra à Idade do Rock**. Série Princípios São Paulo, SP 1993.

SILVA, José de Melo. **Fronteiras Guaranis: A trajetória da Nação cuja cultura dominou a fronteira Brasil-Paraguai**. Campo Grande, MS 2003.

SUZIGAN, Geraldo. **O que é música Brasileira**. Coelção Primeiros Passos, São Paulo SP 1990

TEIXEIRA, Rodrigo. **Os Pioneiros: A Origem da Música Sertaneja de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande, MS 2009

<<http://www.overmundo.com.br/overblog/geraldo-roca-sobre-todos-os-trilhos-da-terra>>
acesso em 20 de Setembro de 2013 às 20h e 50min

<<http://www.guilhermerondon.com.br>> acesso em 06 de Maio de 2013 às 14h e 25min

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Polca_paraguaia> acesso em 30 de Abril de 2013 às 18h

ANEXOS

ANEXO A – CAPA DO CD RONDON E FÍGAR



Lançado em 1991

Disponível em < www.guilhermerondon.com.br>

Acesso em 22 jun. 2013

Produzido por: Hamilton Grieco (Micca), Guilherme Rondon e José Namen.

Prêmio Sharp 92 - 04 indicações (vencedor) - Categoria: Música Regional "Paiaguás"

01 RUMO A 2001 (Guilherme Rondon/Paulo Simões)

02 ESTÓRIAS BOIADEIRAS (Almir Sater/Guilherme Rondon/Paulo Simões)

03 INVERNADA (Almir Sater/Guilherme Rondon/Paulo Simões)

04 GERAÇÃO (Guilherme Rondon/Paulo Simões)

05 MIL MELODIAS (Guilherme Rondon/Paulo Simões)

06 ORDEM NATURAL DAS COISAS (Guilherme Rondon/Paulo Simões)

07 PAIAGUÁS (Guilherme Rondon/Paulo Simões)

08 CHAMAMÉ COMANDA (Guilherme Rondon/Paulo Simões)

09 QUANDO ME ESPERA VOCÊ (Guilherme Rondon/Murilo Antunes)

10 NOTURNO DE PRATA (Renato Teixeira)

ANEXO B – CAPA DO CD PIRATININGA



Lançado em 1994

Disponível em < www.guilhermerondon.com.br >

Acesso em 22 jun. 2013

Produzido por: Hamilton Grieco (Micca) e Guilherme Rondon

Vencedor do Prêmio Sharp (1994) - Revelação.

A música “Vida Bela Vida” incluída na trilha sonora da novela “A Indomada” (TV Globo

01 VIDA BELA VIDA (Guilherme Rondon/Paulo Simões)

02 HORIZONTE (Guilherme Rondon/Paulo Simões)

03 A FERA E A BELA (Guilherme Rondon/Paulo Simões)

04 CRIME E CASTIGO (Guilherme Rondon/Paulo Simões)

05 PELE A PELE (Guilherme Rondon/Paulo Simões)

06 CACHAÇA com ciúme (Guilherme Rondon/Paulo Simões)

07 PAIAGUÁS (Guilherme Rondon/Paulo Simões)

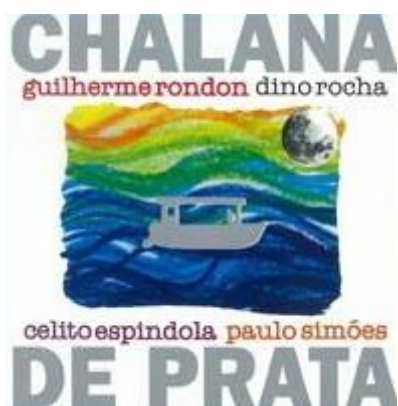
08 JAPONÊS tem 3 filhas (Geraldo Roca)

09 PESCA BRASIL (Guilherme Rondon/Paulo Simões)

10 PIRATININGA (Guilherme Rondon/Almir Sater/Paulo Simões)

Também foi lançado no Japão pelo selo Koala Records.

ANEXO C – CAPA DO CD CHALANA DE PRATA



Lançado em 1998

Disponível em < www.guilhermerondon.com.br >

Acesso em 22 jun. 2013

Produzido por: Hamilton Grieco (Micca)

Grupo formado por Guilherme Rondon, Celito Espíndola, Dino Rocha e Paulo Simões. O disco faz um resgate da música pantaneira tradicional com todas as suas influências da Bacia do Prata.

01 PRAZER DE FAZENDEIRO (Délio/Delinha)

02 QUEROQUERO (Celito Espíndola/Dino Rocha/Paulo Simões)

03 A CHALANA (Mário Zan/Arlindo Pinto)

04 MORENA QUE VALE A PENA (Celito Espíndola/Paulo Simões)

05 INVERNADA (Almir Sater/Guilherme Rondon/Paulo Simões)

06 FAZENDEIRO RICO (Adaptação: Tavinho Moura)

07 CURUPI (Dino Rocha)

08 TREM DO PANTANAL (Geraldo Roca/Paulo Simões)

09 ÚLTIMA BOIADA (Guilherme Rondon/Paulo Simões)

10 AS MOCINHAS DA CIDADE (Nhô Belarmino)

11 CHAMAMÉ COMANDA (Guilherme Rondon/Paulo Simões)

12 BAILE PANTANEIRO (Dino Rocha)

ANEXO D – CAPA DO CD CLARO QUE SIM



Lançado em 2001

Disponível em < www.guilhermerondon.com.br>

Acesso em 22 jun. 2013

Produzido por: Hamilton Grieco (Micca) e Guilherme Rondon

Participações: Danilo Caymmi, Jaques Morelenbaum, Almis Sater, Paulo Calazans, Proveta, Pedro Ivo, José Namen, Luiz Waack, Toninho Porto, Marcelo Ribeiro, Wla Jones.

01 CLARO QUE SIM (Guilherme Rondon/Murilo Antunes)

02 ISSO E AQUILO (Guilherme Rondon/Iso Fischer)

03 MARACANGALHA (Dorival Caymmi)

04 CAMPOS DE ILUSÃO (Guilherme Rondon/Paulo Simões)

05 TERRA MOLHADA (Guilherme Rondon/Murilo Antunes)

06 TEM QUE TER PALAVRA (Guilherme Rondon/Murilo Antunes)

07 RIACHO DOS DESEJOS (Guilherme Rondon/Paulo Simões)

08 FLOR DA VIDA (Guilherme Rondon/Murilo Antunes)

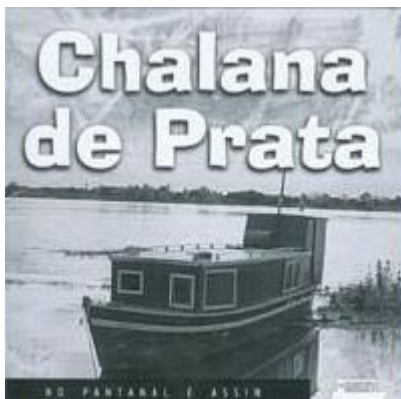
09 APENAS UMA CERTEZA (Guilherme Rondon/Danilo Caymmi)

10 IDAS E VINDAS (Guilherme Rondon/Paulo Simões)

11 TANTO CORAÇÃO (Guilherme Rondon/Murilo Antunes)

12 ESTRANHAS COINCIDÊNCIAS (Guilherme Rondon/Paulo Simões)

ANEXO E – CAPA DO CD CHALANA DE PRATA-NOPANTANAL É ASSIM



Lançado em 2003

Disponível em < www.guilhermerondon.com.br >

Acesso em 22 jun. 2013

Grupo formado por Guilherme Rondon, Celito Espíndola, Dino Rocha e Paulo Simões. O disco faz um resgate da música pantaneira tradicional com todas as suas influências da Bacia do Prata.

01.1 KM 11 (Constante J. Aguer/Transito Cocomoral)

01.2 CHORACHORA VIOLÃO (Délío e Delinha)

02 SOU ASSIM MESMO (Manoelzinho do Pantanal)

03 RIACHO DO NAVIO (Luiz Gonzaga/Zé Dantas)

04 MERCEDITAS (Ramon Sixto Dias)

05 LUCERITO ALBA (Eládio Martinez)

06 MEU VENENO (Renato Teixeira)

07 A SAUDADE É UMA ESTRADA LONGA (Almir Sater/Paulo Simões)

08 JAPONÊS TEM TRÊS FILHAS (Geraldo Roca)

09 XOTE DO CHALANA (Celito Espíndola/Guilherme Rondon/Paulo Simões)

10 A MATO-GROSSENSE (Zacarias Mourão)

11 CANTO A ÑANDE RETA (LaloDoreta/Guillermo Villaverde)

12 ENTRE RIOS (Dino Rocha)

13 NO BALANÇO DA QUADRILHA (Nando Cordel)

ANEXO F – CAPA DO CD TR3S



Lançado em 2007
Disponível em < www.guilhermerondon.com.br >
Acesso em 22 jun. 2013

Produzido por: Guilherme Rondon

Participações : Luiz Waack, Adriano Magoo, Sandro Moreno, Paulo Calasans, Marcelo Ribeiro, Antonio Porto, Marcellus Anderson, Wla Jones, Zé Rodrix

- 01 HORA CONTADA (Guilherme Rondon/Zé Edu Camargo)
- 02 DE AREIA E DE MAR (Guilherme Rondon/Alexandre Lemos)
- 03 E EU E EU (Guilherme Rondon/Alexandre Lemos)
- 04 CHEGA DE CIDADE (Guilherme Rondon/Alexandre Lemos)
- 05 QUASE MADRUGADA (Guilherme Rondon/Alexandre Lemos)
- 06 VAZANTE DO CASTELO (Guilherme Rondon/Zé Edu Camargo)
- 07 TODO DIA (Guilherme Rondon/Alexandre Lemos)
- 08 RELANCE (Guilherme Rondon/Alexandre Lemos)
- 09 POR LUISA (Guilherme Rondon/Alexandre Lemos)
- 10 ENCANTADO (Guilherme Rondon/Alexandre Lemos)
- 11 SOL VERMELHO (Guilherme Rondon/Paulo Simões)
- 12 1968 AGORA (Guilherme Rondon/Alexandre Lemos)
- 13 TINHA MINHA CARA (Guilherme Rondon/Alexandre Lemos)
- 14 SEMENTE DA FLORESTA (Guilherme Rondon/Alexandre Lemos)

ANEXO G – CAPA DO CD MADE IN PANTANAL



Lançado em 2011

Disponível em < www.guilhermerondon.com.br >

Acesso em 22 jun. 2013

Participações: Alex Mesquita, Sandro Moreno e Orlando Bonzi

01 TABUIAIÁ (Guilherme Rondon/Zé Edu Camargo)

02 TAMBÉM LEMBREI DE VOCÊ (Guilherme Rondon/Alexandre Lemos)

03 DE BEM QUERER (Guilherme Rondon/Zé Edu Camargo)

04 VIDA REAL (Guilherme Rondon/Alexandre Lemos)

05 RIO DE DESCER Guilherme Rondon/Alexandre Lemos)

06 ESPELHO DESLIZANTE (Guilherme Rondon/Celito Espíndola/Paulo Simões)

07 TÃO POUCO (Guilherme Rondon/Alexandre Lemos)

08 TORNA ESSA CANÇÃO (Guilherme Rondon/Alexandre Lemos)

09 SONHO INCA (Guilherme Rondon/Alexandre Lemos)

10 TANTO VERSO (Guilherme Rondon/Alexandre Lemos)

11 LA NEGRA (Guilherme Rondon/Consuelo de Paula)

12 ÁGUA NOVA (Guilherme Rondon/Zé Edu Camargo)

ANEXO H - ALGUMAS COMPOSIÇÕES DE GUILHERME RONDON QUE FORAM GRAVADAS POR GRANDES NOMES

- Nana Caymmi & César Camargo Mariano - Isso e aquilo (Guilherme Rondon/Iso Fischer)
- Almir Sater - Corumbá (Almir Sater/Guilherme Rondon)
- Almir Sater - Moda apaixonada (Almir Sater/Guilherme Rondon/Paulo Simões)
- Almir Sater - Vida bela vida (Guilherme Rondon/Paulo Simões)
- Alzira Espíndola - Geração (Guilherme Rondon/Paulo Simões)
- Diana Pequeno - Mil melodias (Guilherme Rondon/Paulo Simões)
- Sergio Reis-No mato sem cachorro - (Guilherme Rondon/Paulo Simões)
- Dino Rocha - Corumbá - (Almir Sater/Guilherme Rondon)
- Sandy & Junior-Coça coça - (Guilherme Rondon/Paulo Simões)
- Célia - Geração - (Guilherme Rondon/Paulo Simões)
- Papete - Mascavo - (G. Rondon/Marcos Calazans/CauPimetel e Eve Marcial)
- Rosa Maria e Lucinha Lins-Mascavo - (G. Rondon/Marcos Calazans/CauPimetel e Eve Marcial)
- Rodrigo Sater - Ordem natural das coisas - (Guilherme Rondon/Paulo Simões)
- Rossa Nova - Hora contada - (Guilherme Rondon /Zé Edu Camargo)
- Lydio Roberto - Horizonte - (Guilherme Rondon/Iso Fischer/Paulo Simões)
- O quarteto SP4 - -Mascavo (G. Rondon/Marcos Calazans/CauPimetel e Eve Marcial)
- Lula Barbosa e Ivan Lins- Mascavo (G. Rondon/Marcos)
- Lucila Novaes- Breve estrela (Guilherme Rondon/Cristina Saraiva)
- Jackie Hecker- Isso e aquilo (Guilherme Rondon/Iso Fischer)
- Olho de Gato & Celito Espíndola - Quando me espera você (Guilherme Rondon/Murilo Antunes)
- Celito Espíndola - Labaredas (Guilherme Rondon/Paulo Simões/Celito Espindola)
- Celito Espíndola - Espelho Deslizante(Guilherme Rondon/Paulo Simões)
- Celito Espíndola - Ultima boiada (Guilherme Rondon/Paulo Simões)
- Paulo Simões - Vida bela vida, Labaredas, Coça coça, Ordem natural das coisas, Rumo a 2001 e outras mais (Guilherme Rondon/Paulo Simões)
- Iso Fischer - Isso e aquilo (Guilherme Rondon/Iso Fischer)
- Iso Fischer - Horizonte - (Guilherme Rondon/Iso Fischer/Paulo Simões)
- Marcos Mendes e Maria Claudia - Paiaguás (Guilherme Rondon/Paulo Simões)

- Zé Geral- Vida bela vida (Guilherme Rondon/Paulo Simões)
- Americo e Nando - Vida bela vida (Guilherme Rondon/Paulo Simões)
- Chalana de Prata - Invernada (Guilherme Rondon/Paulo Simões Almir Sater)
- Chalana de Prata - Chamamé comanda (Guilherme Rondon/Paulo Simões)
- Chalana de Prata - Ultima boiada (Guilherme Rondon/Paulo Simões)
- Chalana de Prata - Xote do chalana (Guilherme Rondon/Paulo Simões/Celito Espindola/Dino Rocha)

ANEXO I – CAPA DO LP MÚSICA DO LITORAL CENTRAL

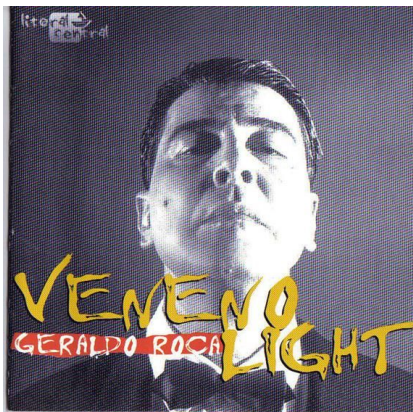


Lançado em 1997.

Disponível em < <http://www.overmundo.com.br> >

Acesso em 22 out. 2013.

ANEXO J – CAPA DO CD VENENO LIGHT



Lançado em 2003.

Disponível em < <http://www.overmundo.com.br>>

Acesso em 22 out. 2013

01 O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA (Geraldo Roca)

02 SALVAÇÃO (Lieber - Stoller – Geraldo Roca)

03 PRA QUE SAIR DA CAMA (Geraldo Roca)

04 SOBRE A CIDADE MÉDIA (Geraldo Roca)

05 O RIO NA CHUVA (Geraldo Roca)

06 FLORES (Miklos - Gavin - Britto - Belloto)

07 YRA YRA (Discépolo - Beron)

08 SIM (Geraldo Roca)

09 O CASTELO ELETRÔNICO (Geraldo Roca)

10 CAVALO BRAVO (Renato Teixeira)